

MAL LÍQUIDO

Obras de Zygmunt Bauman:

- 44 cartas do mundo líquido moderno
- Amor líquido
- Aprendendo a pensar com a sociologia
- A arte da vida
- Babel
- Bauman sobre Bauman
- Capitalismo parasitário
- Cegueira moral
- Comunidade
- Confiança e medo na cidade
- A cultura no mundo líquido moderno
- Danos colaterais
- Em busca da política
- Ensaios sobre o conceito de cultura
- Estado de crise
- Estranhos à nossa porta
- A ética é possível num mundo de consumidores?
- Europa
- Globalização: as consequências humanas
- Identidade
- A individualidade numa época de incertezas
- Isto não é um diário
- Legisladores e intérpretes
- Mal líquido
- O mal-estar da pós-modernidade
- Medo líquido
- Modernidade e ambivalência
- Modernidade e Holocausto
- Modernidade líquida
- Nascidos em tempos líquidos
- Para que serve a sociologia?
- O retorno do pêndulo
- Retrotopia
- A riqueza de poucos beneficia todos nós?
- Sobre educação e juventude
- A sociedade individualizada
- Tempos líquidos
- Vida a crédito
- Vida em fragmentos
- Vida líquida
- Vida para consumo
- Vidas desperdiçadas
- Vigilância líquida

Zygmunt Bauman
Leonidas Donskis

MAL LÍQUIDO

Vivendo num mundo sem alternativas

Tradução:
Carlos Alberto Medeiros



Título original:
Liquid Evil
(*Living with Tina*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,
publicada em 2016 por Polity Press, de Cambridge, Inglaterra

Copyright © 2015, Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis

Copyright da edição brasileira © 2019:
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados,
nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados,
salvo os que forem propriedade da Zahar.

Preparação: Angela Ramalho Vianna
Revisão: Carolina Sampaio, Tamara Sender
Capa: Sérgio Campante
Fotos da capa: © enjoynz/iStock.com; © gremlin/iStock.com;
YiuCheung/iStock.com; © VOGOPHOTO/iStock.com

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Bauman, Zygmunt, 1925-2017
B341m Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas/Zygmunt Bauman,
Leonidas Donskis; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed.
– Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Tradução de: *Liquid evil*
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-1815-2

1. Sociologia. 2. Ciência política. 3. Ética social. I. Donskis, Leonidas.
II. Medeiros, Carlos Alberto. III. Título.

18-52996

CDD: 301

CDU: 316

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

• Sobre este livro •

Poucos dias após dar os toques finais na transcrição de nosso diálogo, publicado em 2014 com o título de *Cegueira moral*, percebemos que ele precisava continuar. Muitos obstáculos seguiam de pé, e muitos outros, novos, a princípio invisíveis, porém cada vez mais evidentes, exigiam que os registrássemos e tentássemos superá-los. Não foi culpa dos autores interromper prematuramente seus esforços analíticos antes de a tarefa ser concluída – mas consequência da própria natureza da empreitada.

Embora o mal em si – objeto de nossa investigação – possa ser visto como companheiro permanente e inalienável da condição humana, seus modos e formas de operação, particularmente em sua atual encarnação liquefeita, são fenômenos novos; merecem um tratamento distinto, no qual, precisamente, sua novidade seja colocada no centro das atenções. É da natureza de todos os líquidos serem incapazes de manter por muito tempo qualquer um de seus aspectos e formas sucessivamente adotados. Os líquidos estão perpetuamente *in statu nascendi* – sempre “se tornando”, sem adquirir alguma forma consumada: uma qualidade percebida por Heráclito, mais de dois milênios atrás, ao observar que ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, como constatou Platão no diálogo *Crátilo*. O que se deve – e urge –

fazer quando se pretende representá-lo da forma mais ampla possível é descobrir as nascentes do rio e seus mais volumosos tributários, traçar a trajetória de seu leito (ou, se surgir a necessidade, suas múltiplas trajetórias – coexistentes ou alternadas) e mapeá-la (mesmo estando alertas para o fato de que aquilo que se pode alcançar, em última instância, é mais da natureza de um instantâneo que uma imagem conclusiva e permanente do fenômeno em questão).

É exatamente isso que tentamos fazer neste livro: mapear do modo mais abrangente que se possa as mais prolíficas fontes do mal em nossos dias e seguir o máximo possível suas trajetórias no atual estágio de nossa sociedade líquida moderna de consumidores – desregulamentada e desorganizada, atomizada e individualizada, fragmentada, desarticulada e privatizada.

Nossa conversa foi, em suma, sobre a forma especificamente líquida moderna do mal – uma forma, sem dúvida, ainda mais ameaçadora e insidiosa que as outras manifestações históricas desse fenômeno, pelo fato de ser fraturada, pulverizada, desarticulada e disseminada; totalmente distinta de sua variedade imediatamente anterior, concentrada e condensada como lutava para ser, assim como administrada de maneira centralizada. Por essa razão, o mal liquefeito dos dias atuais esconde-se da vista e evita ser localizado, assim como ser reconhecido pelo que é e pelo que anuncia. O mal líquido tem a surpreendente capacidade de se disfarçar de modo eficiente e de recrutar preocupações e desejos humanos – demasiadamente humanos –, colocando-os a seu serviço sob justificativas falsas, ainda que difíceis de desmascarar e contestar. Para piorar, um bom número de recrutas é seduzido para o voluntariado.

Num imenso número de casos, o mal liquefeito consegue ser percebido como um amigo ávido por ajudar, e não como um monstro. Na terminologia de Joseph Nye, ele deve ser computado entre os poderes “brandos” – em oposição aos “duros” –, empregando a tentação em vez da coerção como estratégia básica, como no caso da multifacetada vigilância contemporânea construindo

do um banco de dados com capacidade milhões de vezes maior do que poderiam sonhar todos os serviços secretos do passado sólido moderno (e mesmo assim na condição de possuírem uma imaginação extraordinária) – a partir de informações fornecidas 24 horas por dia, setes dias por semana, voluntária ou inconscientemente, pelos usuários de telefones celulares e cartões de crédito, assim como remetentes ou destinatários de mensagens digitais. Não é mais preciso que o Ministério do Amor obrigue as pessoas a tomar a guerra pela paz e a coerção pelo cuidado e a assistência amistosa.

O mal líquido, como todos os líquidos, tem a surpreendente capacidade de fluir em torno dos obstáculos que aparecem em seu caminho. Como outros líquidos, ele os inunda, encharca, impregna e frequentemente corrói e dissolve – absorvendo a solução em sua própria substância para fortalecer ainda mais o seu corpo. Além da escamoteação, essa capacidade torna a resistência ao mal líquido uma tarefa ainda mais formidável. Tendo impregnado o tecido da vida cotidiana e se entranhado em seu próprio cerne, o mal, quando (se) identificado, faz com que todos os modos de vida alternativos pareçam implausíveis, até irrealis; o veneno letal apresenta-se desonestamente como um antídoto emergencial para as agruras da vida.

A partir dessas e de outras características subsidiárias do mal líquido, em suas muitas manifestações, tentamos construir um inventário (necessariamente incompleto, mas, esperamos, preliminar). Nossa intenção é preparar a tela, e não pintar um quadro completo. Esperamos delinear a área que demanda uma pesquisa tão abrangente quanto urgente e equipá-la com algumas ferramentas conceituais que acreditamos serem úteis.

Z.B e L.D.

· Introdução ·

Sobre o mal líquido e o NHA (Não Há Alternativa)

LEONIDAS DONSKIS: Vivemos num mundo sem alternativas. É um mundo que propõe uma realidade única e que rotula de lunáticos – ou, na melhor das hipóteses, excêntricos – todos aqueles que acreditam na existência de uma alternativa para tudo, incluindo até os melhores modelos de governança e as ideias mais profundas (para não mencionar projetos empresariais e de engenharia). O mundo, provavelmente, nunca foi tão inundado de crenças fatalistas e deterministas como hoje; ao lado de análises sérias, como se viessem de uma cornucópia, surgem profecias e projeções de iminentes crises, perigos, espirais descendentes e fim do mundo. Nessa generalizada atmosfera de medo e fatalismo, cresce a convicção de que não há alternativas para a lógica política contemporânea e para a tirania da economia ou as atitudes referentes à ciência e à tecnologia, ou à relação entre natureza e humanidade. Não é otimismo, de modo algum, o júbilo tolo de que estamos aqui neste lugar e nosso ambiente é quente, difuso e confortável; em vez disso, temos a crença de que o mal é transitório e não sobrepuja a benevolência (ou, se o faz, é apenas por um breve período). Além disso, o otimismo significa a crença de que, de fato, sempre há esperança e alternativas. A convicção de que o pessimista é um ser, em geral, mais nobre e elevado que o otimista não é apenas uma relíquia da sensibilidade e da visão de mundo modernas e românticas – é algo maior.

Essa situação nos leva de volta ao monumental conflito entre cristianismo e maniqueísmo – depois de Agostinho (que, por sinal, derrotou seu maniqueísta interior e se tornou um dos pais da Igreja católica), os cristãos afirmaram que o mal era um estado de bondade ambígua ou insuficiente que podia ser superado, enquanto os maniqueístas afirmavam que o bem e o mal eram realidades paralelas, mas inconciliáveis. O otimismo é, antes de tudo, uma construção cristã – baseia-se na fé de que o bem pode vencer o mal, e de que sempre é possível encontrar possibilidades e alternativas inexploradas. Mas vivemos numa era de pessimismo. O século XX foi uma excelente prova de que o mal estava vivo e bem de saúde, o que reforçou a posição dos maniqueístas modernos. Eles viram um mundo que podia ser temporariamente abandonado por Deus, mas não por Satã.

Uma pergunta, porém, continua sem resposta: qual a importância do maniqueísmo hoje? A descrença de que Deus é todo-poderoso, e de que Ele é Amor, deve ter sido amplamente reforçada na esteira das muitas atrocidades cometidas no século XX. O livro *O mestre e Margarida*, imperecível obra de Mikhail Bulgákov – escrita em 1928-41 e publicada, amplamente censurada, em 1966-67 –, está imbuído de um espírito maniqueísta: o romance faz numerosas menções aos conceitos de “Luz” e “Escurecimento” desenvolvidos pelo profeta persa, epônimo arquiteto desse sistema de crenças. A interpretação do mal nesse grande romance da Europa oriental no século XX (*O processo*, de Kafka, é a meu ver o grande romance da Europa central nesse mesmo século) afirma sua autossuficiência. Essa interpretação do cristianismo é próxima da de Ernest Renan em *Vida de Jesus*, estudo com que Bulgákov estava bem familiarizado.

Mesmo Czesław Miłosz considerava-se algo como um maniqueísta enrustido. Após seus contatos com os males incompreensíveis do século XX – que ocorreram num mundo não menos racional e humanista que o nosso, que criaram culturas dominantes no mundo (por exemplo, na Rússia e na Alemanha) –, Miłosz passou a ver o mal como uma realidade independente e autossuficiente; ou pelo menos como uma dimensão que não é afetada em nenhum sentido tangível

pelo progresso ou pelas formas modernas de sensibilidade, nem tampouco pelo mundo das teorias profundas. Ele observou que a filósofa francesa Simone Weil também era maniqueísta enrustida: ela atribuiu um significado milenar à frase “Venha a nós o Vosso Reino” na oração do Pai-Nosso. Há uma boa razão para Miłosz ter dado um curso sobre maniqueísmo na Universidade da Califórnia em Berkeley. Em seu livro *Miłosz’s ABC*, ele situou o ato de abertura do mal no século XX na história dos bogomilos da Bulgária e no martírio dos cátaros em Verona e outras cidades italianas. Todos os grandes europeus orientais foram, em algum grau, maniqueístas – de Bulgákov, na Rússia, a George Orwell (que era europeu oriental por escolha).

Enquanto isso, vivemos numa era de medo, negatividade e más notícias. Não existe mercado para notícias boas, pois ninguém está interessado nelas. (Embora uma história apocalíptica engraçada e cheia de aventuras seja algo bem diferente.) É isso que produz a ampla disseminação do pânico e a indústria do medo – “últimas notícias” baseadas em comentários com enormes discrepâncias, em que os comentaristas frequentemente se contradizem. Embora alguns deles sejam ocasionalmente perspicazes e ponderados, a maioria é histórica e derrotista.

O que significa o conceito de mal líquido? Como pode ser mais bem entendido nos dias atuais, quando tantos fenômenos são constituídos de qualidades e características mutuamente excludentes? Meu argumento seria que o mal líquido, contrariamente ao que poderíamos chamar de “mal sólido” – este último tendo por base uma perspectiva social do tipo preto no branco, na qual podemos facilmente identificar a resiliência do mal em nossa realidade política e social –, assume a aparência de bondade e amor. Mais que isso, ele se apresenta como uma aceleração da vida aparentemente neutra e imparcial – a inédita velocidade da vida e da transformação social implicando perda de memória e amnésia moral; além disso, o mal líquido avança disfarçado de ausência e impossibilidade de alternativas. O cidadão torna-se consumidor e a neutralidade de valores oculta a desmobilização.